

# A CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DA LINGUAGEM: A IDEOLOGIA PRESENTE NOS ENUNCIADOS QUE CONFIGURAM A COMUNICAÇÃO VERBAL

RADAELLI, Patrícia Barth<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta o resultado parcial de uma pesquisa realizada em curso de pós-graduação *stricto sensu*<sup>2</sup>, que teve, dentre seus objetivos, o de engendrar uma análise que apontasse, a partir de pesquisa bibliográfica, a constituição significativa da linguagem - com evidência nos postulados de Bakhtin. O autor clássico propõe a correspondência dialética entre o signo e a ideologia na formação da língua. O indivíduo, ao passo que cria os signos e as ideologias com seus pares sociais, tem sua consciência individual formada por esses mesmos signos e ideologias. A essa formação, acrescenta-se um fator primordial: a linguagem verbal. É pela palavra, que se constitui o âmago da comunicação verbal; pela palavra é que se estabelecem as relações sociais. Porém, ao se pensar no processo de compreensão e interpretação de determinadas realidades, é necessário se evidenciar, a partir da palavra, a constituição dos enunciados. Os diálogos, estabelecidos socialmente, configuram-se por enunciados; estes estão sempre carregados pela intencionalidade do enunciador. O enunciador escolhe palavras específicas que correspondam ao que exige a circunstância da fala; as palavras, que configuram os enunciados, então, estão sempre carregadas por um sentido ideológico. Para estas discussões, além das contribuições de Bakhtin, serão destacados os apontamentos de Stam (2000), Gnere (2009), Lowy (1992), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Ideologia. Enunciados. Comunicação Verbal.

## LA CONCEPCIÓN BAKHTINIANA DEL LENGUAJE: LA IDEOLOGÍA PRESENTE EN LOS ENUNCIADOS QUE CONFIGURAN LA COMUNICACIÓN VERBAL

## RESUMEN

Este trabajo presenta el resultado parcial de una investigación realizada en la carrera de posgrado, en la Maestría, teniendo entre varios objetivos, engendrar un análisis que mostrara, a partir de una investigación bibliográfica, la constitución de los signos del lenguaje – con evidencia en los postulados de Bakhtin. El autor clásico propone la correspondencia dialéctica entre el signo y la ideología en la formación de la lengua. El individuo, al paso que crea los signos y las ideologías con sus pares sociales, tiene su conciencia individual formada por esos mismos signos y ideologías. A esa formación se agrega un factor muy importante: el lenguaje verbal. Es por la palabra, que se hace el interior de la comunicación verbal; por la palabra es que se establecen las relaciones sociales. Sin embargo, al pensar en el proceso de comprensión e interpretación de determinadas realidades, es necesario evidenciar, a partir de la palabra, la constitución de los enunciados. Los diálogos, socialmente establecidos, se configuran por enunciados; estos están siempre cargados por la intencionalidad del enunciador. El enunciador elige palabras específicas que correspondan al exigido por el momento de habla; las palabras, que configuran los enunciados, están siempre cargadas de un sentido ideológico. Por estas discusiones, además de las contribuciones de Bakhtin, serán destacados los apuntes de Stam (2000), Gnere (2009), Lowy (1992), entre otros.

**PALABRAS-CLAVE:** Lenguaje. Ideología. Enunciados. Comunicación Verbal.

## 1 INTRODUÇÃO

Vários são os conceitos explicitados sobre a linguagem; alguns estabelecem que a linguagem é a faculdade que possui o homem de poder expressar seus pensamentos por um sistema de signos, sinais, símbolos, gestos ou regras, com significados convencionais; outros denominam a linguagem apenas como o vocabulário ou a fraseologia expressada por um povo. Numa definição apresentada por Sacconi, “a linguagem é o estudo da língua em toda a sua amplitude, nas coordenadas de tempo e espaço” (1996, p. 426).

Nenhum desses conceitos, no entanto, esclarece os meandros da linguagem. Se a linguagem fosse considerada apenas como forma do homem expressar-se pelos signos convencionais, como seriam formados esses signos? E quanto ao conceito que expressa ser a linguagem apenas o vocabulário ou a fraseologia? Como seriam formadas as palavras e as frases? Qual seria a amplitude da língua proferida por Sacconi?

Ao definir uma concepção para estabelecer metodologicamente os estudos da linguagem, Bakhtin propõe a elucidação de todas essas questões. O autor estabelece um entrelaçamento das bases de uma teoria marxista da criação ideológica com a filosofia da linguagem; a língua é definida como expressão das relações e lutas sociais, que veicula e, ao mesmo tempo, evolui pelos efeitos dessas relações.

## 2 BAKHTIN E OS MEANDROS DA COMUNICAÇÃO VERBAL

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicada em 1929, Bakhtin busca delimitar qual é o objeto para a análise da constituição e da evolução da linguagem.

<sup>1</sup> Docente da Faculdade Assis Gurgacz. Graduada em Letras, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE, Campus de Cascavel/PR. Especialista em Literatura e Ensino, pela UNIOESTE e Mestre em Linguagem e Sociedade pela mesma instituição. E-mail: [patriciab@fag.edu.br](mailto:patriciab@fag.edu.br)

<sup>2</sup> Programa de pós-graduação, em nível de Mestrado, na área de Letras – Linguagem e Sociedade – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Para tanto, o autor estabelece, inicialmente, uma crítica a duas correntes do pensamento filosófico e linguístico. A primeira, denominada por “subjetivismo idealista”, ligada ao Romantismo, estabelece como princípios básicos que as leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual e que a língua enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética) se apresenta como um produto acabado, pronto para ser usado. Os principais representantes dessa tendência são Humboldt e Vossler (BAKHTIN, 2002a).

A segunda, ligada ao Racionalismo e ao neoclassicismo, é denominada “objetivismo abstrato” e tem como centro organizador de todos os fatos da língua o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais. Segundo essa tendência “cada enunciação, cada ato da criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores” (idem, p.77). Ferdinand Saussure, fundador da Escola de Linguística de Genebra, é um dos principais representantes dessa corrente. Saussure defende a abordagem sincrônica da língua, ou seja, uma abordagem que estuda a língua como uma totalidade funcional num dado momento no tempo, no interior da qual os motivos ideológicos têm pouca importância. (STAM, 2008)

Bakhtin contesta as duas correntes e inverte o sistema da língua como modelo abstrato. Para o autor é a interação social que rege o processo de construção da linguagem verbal. A língua não é um sistema imutável e a sua evolução não pode ser compreendida desvinculada dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam.

O conceito de ideologia tem sido discutido por vários autores com especificidades diversas; mas é a partir das considerações explicitadas por Marx que se pretende elucidar as contribuições de Bakhtin.

Em **A Ideologia Alemã**, o conceito de ideologia aparece como equivalente à ilusão, falsa consciência, concepção idealística na qual a realidade é invertida e as idéias aparecem como motor da vida real. Mais tarde Marx amplia o conceito e fala das formas ideológicas através das quais os indivíduos tomam consciência da vida real, ou melhor, a sociedade toma consciência da vida real. Ele as enumera sendo religião, a filosofia, a moral o direito, as doutrinas políticas, etc. (LOWY, P 12)

Bakhtin, (2002<sup>a</sup>, p. 31) retoma o conceito de Marx, sobre a consciência da vida real, e acrescenta a construção sínica da ideologia: “tudo que é ideologia possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. Assim, a linguagem é construída por signos ideológicos que refratam<sup>3</sup> uma realidade.

Cada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. [...] Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as suas ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. (BAKHTIN, 2002a, P.33)

Dessa forma, as leis da evolução linguística não são as leis da psicologia individual, são essencialmente leis sociológicas; a lógica da consciência individual é a lógica da comunicação de um grupo social, engendrada por signos que evoluem. A interpretação errônea de que a evolução da linguagem se da de maneira individual, sugere que a evolução ideológica, que é atrelada a linguagem, também aconteça de maneira individual. Essa questão é evidenciada por Bakhtin:

A regularidade social objetiva da criação ideológica, quando indevidamente interpretada como estando em conformidade com as leis da consciência individual, deve, inevitavelmente, ser excluída do seu verdadeiro lugar na existência e transportada quer para a empíreo supra-existencial do transcendentalismo, quer para os recônditos pré – sociais do organismo psicofisiológico, biológico. (idem, p.34 e 35)

Nesse sentido, a autonomia da formação da linguagem pela consciência individual assume, além da posição estabelecida pela corrente do subjetivismo idealista, a condição de mito; na verdade, a realização psíquica transforma-se pelo transporte ideológico assim como, paradoxalmente, os signos ideológicos só emergem no processo de interação entre uma consciência individual e outra, o que necessariamente vai compor a coletividade. Pelos postulados de Bakhtin, então, a consciência individual é formada a partir de algum tipo de material semiótico, que se estabelece no processo de interação verbal com o outro, com a coletividade.

Os signos só podem aparecer em um terreno interindividual. [...] não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo [...] A consciência individual não só nada pode explicar, mas ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. (BAKHTIN, 2002a, p.35)

Nesse sentido, a consciência não poderia se desenvolver se não usufrísse de um material – um signo – que fosse assimilável pelo corpo e desenvolvido ideologicamente pela coletividade. Esse signo configura-se na linguagem

<sup>3</sup> O verbo refratar está sendo usado no sentido metafórico, proposto pelo autor, de que a ideologia não reflete a realidade como um espelho, com imagem em semelhança, mas a refrata, como um raio oblíquo, de um meio para outro – com as mudanças advindas da interpretação dos homens em seus diferentes contextos.

pela palavra: “A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social [...] é na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica”<sup>4</sup>(idem, 2002a, p.36)

Assim, a palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos. É pela palavra que se refletem as mais imperceptíveis alterações de existência humana; não apenas no sentido de formação lexical de uma língua, mas a partir da sua condição sínica que reflete e refrata uma determinada realidade – a sua significação vai muito além daquilo que é estabelecido apenas nos dicionários. Aliás, a palavra só constitui o âmago da comunicação verbal quando assume sua principal função – ser um instrumento semiótico que compõe um enunciado e propicia a interação social.

O indivíduo, então, ao passo que estabelece com seus pares sociais os diversos sentidos ideológicos da palavra, tem sua consciência individual formada por esses mesmos signos e ideologias. Para Gnerre, o poder de algumas palavras é enorme, porque encerram em cada cultura, mais notadamente nas sociedades complexas, o conjunto de crenças e valores aceitos pelas classes dominantes (GNERRE, 1994).

Bakhtin, revelando o sentido ideológico da palavra, acrescenta a sentença:

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou coisas más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo, ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (Bakhtin, 2002a, p.95)

No entanto, paradoxalmente, a palavra também se configura como um signo neutro. Essa neutralidade reside no fato de que, se a palavra estabelece o modo mais puro e sensível de qualquer relação social, ela será responsável pela formação de todos os discursos, indistintamente, nos mais diversos segmentos sociais; contribuindo, assim, para a disseminação de diferentes ideologias, uma vez que assume as opções dos indivíduos que formulam seus discursos de acordo com diferentes contextos históricos e sociais. Assim, para uma interpretação coerente da palavra é necessário perceber que lugar ela ocupa no enunciado e em que contexto social é proferida – por quem, para quem e com qual objetivo.

Dessa forma,

Na maior parte dos casos, é preciso supor um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito. O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, suas apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximarará do auditório médio da criação ideológica. (BAKHTIN, 2002a, p.113)

A partir, então, do léxico de uma única língua, podem ser produzidos discursos ideologicamente opostos; a palavra acompanhada todo ato ideológico, seja ele qual for; assim, como também, a representação desse ato, no processo de compreensão e de interpretação.

Esses atos de compreender e de interpretar determinadas realidades se estabelecem porque, como denuncia Bakhtin (idem, p112), “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém”. Os diálogos, estabelecidos socialmente, configuram-se a partir da escolha das palavras que formarão os enunciados; estes, ao contrário da palavra, não possuem, em momento algum, neutralidade; estão sempre carregados pela intencionalidade do enunciador, que escolhe palavras específicas correspondendo à circunstância da fala.

Dentre as características estruturais do enunciado, o autor destaca a clara delimitação das fronteiras, que são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes. “Todo enunciado – desde a breve replica até o romance ou tratado científico – comporta um começo absoluto: antes do seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados respostas dos outros”. (BAKHTIN, 2000, p.294)

Outra questão que deve ser evidenciada na constituição do enunciado (como unidade da comunicação verbal) é a relação deste com a oração (unidade da língua). Na comunicação não são trocadas apenas orações ou palavras, mas sim, enunciados constituídos com essas unidades da língua. Entretanto, não se exclui o fato de que uma única oração ou palavra possa constituir um enunciado.

São três os fatores propostos por Bakhtin para determinar a totalidade acabada do enunciado e a possibilidade de compreendê-lo: o tratamento exaustivo do objeto do tema, a intenção do locutor e as formas típicas de acabamento. No entanto, para que o diálogo se efetive e produza a *atitude responsiva ativa* proposta na interlocução, o enunciado deve constituir-se de elementos que pertençam ao universo sínico de todos os interlocutores, ou ele se tornará incompreensível.

Na interlocução, cada enunciado corresponde a um elo de uma cadeia complexa do diálogo - que configura a linguagem verbal. Todos os setores da atividade humana, por mais variados que sejam, estão sempre relacionados com

<sup>4</sup> **Semiótica** é a ciência que configura a linguagem (verbal e não-verbal) por signos; sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação. Todos os elementos existentes no mundo podem ser representados por signos (sejam ícones, índices ou símbolos).

a utilização da linguagem – da interlocução, que configurada por signos ideológicos, efetua-se pelos enunciados (orais ou escritos). Bakhtin evidencia o enunciado como a *unidade real* da comunicação verbal. A fala só existe, na realidade na forma concreta dos enunciados de um indivíduo. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato das formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social de interação verbal, realizado através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2002a, p. 123)

Assim, para que o enunciador atinja seus objetivos, o discurso deve ser construído em vista de outro, que fará a sua interpretação; a linguagem funciona diferentemente para diferentes grupos sociais, compondo um quadro ideologicamente significativo. A linguagem, nesse sentido, pode demonstrar as posições que os interlocutores ocupam na sociedade. Segundo Gnebre (1994, p.5), “as pessoas falam para serem ‘ouvidas’, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos”.

Cada esfera da utilização da língua na sociedade elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, o que Bakhtin denomina de gêneros do discurso. A comunicação verbal é constituída por vários gêneros do discurso. Bakhtin (2000) estabelece uma classificação destes gêneros; o gênero primário, que trata da comunicação espontânea-díalogo orais, linguagem das reuniões sociais, linguagem familiar, cotidiana, etc. – e o gênero secundário – ideológico, científico e literário.

Em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso e não só pelos gêneros secundários, mas também pelos gêneros primários. É a partir das condições visualizadas pelo enunciador – para quem se fala, sobre o que se fala e com qual intenção, que se estabelecerá qual gênero será usado para a formulação do enunciado.

É inegável que a falta de domínio do repertório dos gêneros impede o conhecimento a respeito do todo do enunciado; o domínio total de uma língua não garante a desenvoltura em todas as esferas da comunicação verbal.

A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma do discurso social, corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação, a forma de enunciação e enfim, o tema, existe uma unidade orgânica que nada pode destruir. Eis porque a classificação das formas da comunicação verbal, que são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política (BAKHTIN, 2002<sup>a</sup>, p.43)

Essa estrutura de linguagem pode, o que configura uma dicotomia, ser usada para impedir a comunicação de informações nos grandes setores da sociedade. Os meios de comunicação, por exemplo, quando julgam como necessário, propositalmente, constroem os enunciados incluindo metáforas, metonímias e outras figuras de linguagem, ou termos específicos à determinadas áreas que podem ser entendidos somente por uma parcela da população, excluindo da interação a grande massa.

Por vezes, “é necessário um aparato de conhecimento sócio-político relativamente amplo para poder ter um acesso qualquer à compreensão e principalmente à produção de mensagens de nível sócio-político” (GNERRE, 1994, p. 21)

Assim, uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de gêneros é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a sua orientação específica; as mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso e consequentemente no modo de interação verbal.

Bakhtin propõe uma ordem metodológica para que o estudo da língua com a seguinte sequência:

1As formas e os tipos de interação verbal em ligação com condições concretas em que se realizem;

2 As formas das distintas enunciações, dos atos da fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal;

3 A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual. ( 2002<sup>a</sup>, p.124).

Para o autor, é nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua; a comunicação e a interação verbais evoluem a partir da evolução das relações sociais, depois, as formas dos atos da fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua.

Essa evolução acontece porque cada sujeito falante, de acordo com seu conhecimento de mundo, com sua visão, que é adquirida no meio social, contempla, muito além do sentido dicionarizado, os outros sentidos já estabelecidos às palavras por seus pares sociais.

Isso ocorre porque o que se vê é determinado pelo lugar e pelo tempo em que se vê; cada indivíduo pode ver o que os outros, por estarem em lugares e em épocas diferentes, não podem. A exemplo disso, Bakhtin cita a expansão da base econômica:

À medida que a base econômica se expande, ela promove uma real expansão no espaço de existência que é acessível, comprehensível e vital para o homem. O criador de gado pré-histórico não tinha preocupações, não havia

muita coisa que realmente o tocasse. O homem do fim da era capitalista está diretamente relacionado com todas as coisas, seus interesses atingem os cantos mais remotos da terra e mesmo as mais distantes estrelas. Esse alargamento do horizonte apreciativo efetua-se de maneira dialética [...] essa evolução reflete-se na evolução semântica. (2002<sup>a</sup>, p.136)

Dessa forma, a evolução semântica da língua é diretamente influenciada pela mudança no horizonte apreciativo do homem, pela sua evolução histórica e social. O que reitera o conceito de que a fala, mais especificamente a sua estrutura, a enunciação não pode ser considerada como um ato psicofisiológico do sujeito individual, mas sim, um ato social. O sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto e depende, ainda, da abordagem dada a cada tema.

O tema enunciação, segundo Bakhtin, se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que da origem à enunciação, ou seja “ o tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução” (2002<sup>a</sup> p.129).

Assim, a carga semântica da palavra evolui a cada novo diálogo, que pode configurar um mesmo tema ou não, seja escrito ou oral, porque à ela são acrescidos novos significados dados por outras vozes, por ocuparem outro espaço, num novo tempo.

Essa necessária e produtiva complementaridade de compreensões forma o cerne da noção bakhtiniana de diálogo. Na verdade, o entrelaçamento de várias vozes na consciência do indivíduo é que constitui seu discurso. A formação e evolução da linguagem, então, giram em torno dessa noção de diálogo do indivíduo com os seus pares sociais e as diversas vozes e temas que vão se aglomerando em sua consciência.

Há que se considerar, por fim, que toda a transmissão – o uso da palavra de outrem em outro enunciado – tem um objetivo específico e diferente daquele no qual o discurso fora proferido anteriormente – trata-se de um novo contexto histórico e social.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As contribuições de Bakhtin foram muito além das citadas neste estudo. No entanto, a análise das concepções abordadas, mesmo restrita a poucas páginas, demonstra quão ampla foi a sua pesquisa para os estudos da linguagem. Bakhtin, ao criticar as correntes que vigoravam na sua época, denominadas de subjetivismo idealista e objetivismo abstrato, acaba por atrelar a linguagem numa condição mais significativa - a de propiciadora da interação social.

Assim, um estudo que busque analisar as questões que permeiam a linguagem verbal, não deve se restringir à verificação do conjunto de formas fonéticas, gramáticas e lexicais desvinculadas das questões filosóficas e culturais, uma vez que a língua não é um sistema imutável de comunicação, pois além de propiciar a interação social, é nesta interação que se configura a sua evolução. E, sendo esta evolução estabelecida por conteúdos e valores ideológicos, é necessário que se considere o contexto histórico e social em que ela se realiza; quem é o outro, para qual interlocutor se está construindo o enunciado e com qual objetivo, desvendando, assim, qual o gênero será usado.

Diferentes discursos são proferidos nas mais diferentes áreas, com os mais diversos objetivos; o literário, o publicitário, o jornalista, o médico, o administrador, o advogado, o professor... Seus enunciados são elaborados com palavras carregadas de sentidos ideológicos, que certamente extrapolam os sentidos promovidos nos dicionários; são as questões culturais, históricas e sociais atreladas à linguagem.

### **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **A cultura popular Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabalais.** 4. Ed. São Paulo: Edunb, 1999.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal.** 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 10. Ed. São Paulo: Hucitec, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002b.

GNERRE, M. **Linguagem, Ideologia e Poder.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LOWY, M. **Ideologias e Ciência Social.** 8<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 1992.

STAM, R. **Bakhtin: da história à cultura de massa.** São Paulo: Ática, 2000.